

CORREIO DO SUL

SEMANARIO REGIONALISTA

Director e editor: MARIO LYSER FRANCO

Redacção e Administração
P. de Ferreira d'Almeida, 14
F A R O

Proprietário
ALVARO DE LEMOS
(Herdeiros)

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA «UNIAO»
Telef. 22319 — F A R O

Da nossa linguagem...

FALA-SE agora num empreendimento em que já há muito deveríamos ter pensado mas que nunca nos deu grande cuidado: a difusão da nossa língua.

Estou a lembrar-me da minha surpresa quando, há uns trinta anos — como o tempo passa! — em Macau, entrei numa loja chinesa e verifiquei que o chinês que me atendeu não falava o português; apenas o inglês e a sua própria língua. Senti-me indignado. «Estamos aqui há quatrocentos anos e este tipo não fala o português!...» — disse para comigo. E o que me vexava mais, não era que ele o ignorasse, mas sim que falasse o inglês — a língua dos sujeitos que tinham chegado ao Oriente muito depois de nós. O meu patriotismo daquele tempo revelava-se um sentimento muito vivo que não me deixava perceber a razão desta anomalia. Era o patriotismo de um ensino histórico em que eramos em tudo os melhores do mundo e tínhamos vencido todas as guerras. Excepto Alcácer Kibir, claro.

Depois, a pouco e pouco, fui-me habituando à realidade. Um belo

«A VOZ»

FESTEJOU no passado dia 29 o seu aniversário, entrando no seu 43.º ano de existência, o importante diário «A Voz», fundado pelo saudoso Conselheiro Fernando de Sousa e que em Lisboa se publica sob a competentíssima direcção do ilustre jornalista, nosso velho amigo, sr. Pedro Correia Marques.

Quarenta e dois anos consagrados à defesa dos «princípios essenciais à vida do conjunto que se chama Portugal», como nele próprio se escreveu, por eles lhe testemunhamos a nossa gratidão, com sinceras felicitações pelo aniversário e desejos veementes de muito mais longa vida.

SINTAXE OPORTUNA

● Por Carlos Albino

Dos problemas à cultura necessária

QUEM se dê ao trabalho de confrontar entre si vários problemas da sua vida diária, encontrará com frequência curiosas divergências e até contradições quanto ao modo de os solucionar. Na vida pública não são apenas as soluções, mas também o próprio levantar dos problemas que se apresenta muito mais complexo. Porque os problemas quando se levantam, são recebidos pelos outros simultaneamente com aplausos e apupos: ambos os modos terão razão, mas só parcialmente.

OS INCIDENTES deste género multiplicam-se diariamente e são a prova evidente da fragilidade da nossa opinião particular e da opinião pública em matéria de objectividade. Esta fragilidade é uma consequência inevitável da conjugação de uma série de factores inerentes ao processo de reflexão: a limitada capacidade da mente que pensa para abarcar em toda a sua dimensão o problema da sucessiva filtração do facto que o originou através de quem o mais directamente o sentiu, da imprensa ou de uma mera comunicação oral que o recolheu e o divulgou no encontro de esquina ou à mesa de café, as simpatias e as antipatias pessoais, o maior ou menor interesse pelo bem-comum, a orientação ideológica de cada grupo de opinião, etc...

4.ª PAGINA

PINTOR Carlos Carneiro

ACOMPANHADO de sua esposa, passou alguns dias no Algarve, tendo-nos dado o prazer e a honra da sua visita, o ilustre Pintor Carlos Carneiro.

O apreciado artista que, como é do conhecimento dos nossos leitores, obteve o 1.º Prémio de Aguarela no I Salão de Pintura, há meses, realizado nesta cidade pelo Gabinete para o Desenvolvimento Turístico do Algarve, usufruiu dessa forma e durante alguns dias que permaneceu entre nós, a parte do prémio constituída por uma estadia num dos hotéis da nossa Província. Esteve, depois dela, muitos mais e, admirador entusiasta do Algarve, sabemos que aproveitou esta sua nova deslocação para executar novos trabalhos. Parte muito brevemente para Paris, onde vai realizar mais uma exposição e o Algarve lá estará presente na sua magistral interpretação das nossas belezas regionais. E não deixará de ser este — concordemos — um dos mais notáveis e proveitosos resultados do magnífico Salão realizado entre nós.

Por A. Santa Clara

Capitania e lá chegamos a Shui Ing. Nas Missões havia, entre outros de várias nacionalidades, um padre português que nos acompanhou e elucidou. Recebiam ali crianças chinesas, que tinham as suas aulas. O nosso compatriota dava a aula de português cuja aprendizagem era facultativa. A

2.ª PAGINA

O IV Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Farmacêutico realizado em FARO

LEVADO a efeito pela Comissão de Cooperação das Actividades Culturais da Sociedade Farmacêutica Lusitana (Sindicato Nacional dos Farmacêuticos) realizou-se nesta cidade, no passado dia 1, conforme tínhamos anunciado, o IV Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional, promovido, como os anteriores, efectuados em Abrantes, Évora e Aveiro, com o louvável objectivo de proporcionar à classe e a outras entidades responsáveis pelos diversos sectores da saúde pública, uma informação actualizada sobre problemas sanitários de reconhecida importância.

A interessante reunião atraiu a Faro algumas dezenas de farmacêuticos de vários pontos do País e, sobretudo, da nossa Província, num ambiente de camaradagem e de

realizado em FARO focou problemas de grande interesse sanitário

troca de impressões eminentemente recomendável, só sendo de lamentar que, aparte o ilustre Delegado de Saúde do nosso Distrito, sr. Dr. César Levy Marques Guimarães, dela se tenham alheado diferentes entidades que ali teriam alguma coisa que aprender e cuja presença

Curiosidades algarvias



A FAMOSA «pedra moirinha»

dos arredores de Portimão

O assunto já não é novo nestas colunas, dado que nelas há pouco mais de dois anos reproduzimos uma interessante referência que lhe fez o ilustre professor catedrático e publicista, sr. Doutor Carlos Teixeira, na secção de «Notícias geológicas e paleontológicas» que mantém na conhecida revista «Naturália».

Mas dada a sua manifesta curiosidade, o interesse, até turístico, que poderia ter e, sobretudo, a boa fotografia que da famosa «pedra moirinha», encontramos no nosso arquivo, supomos que não fica mal voltar a focar o problema que ela representa, até na esperança de que desta nova notícia possam resultar aquelas medidas de protecção e aquele estudo que o distinto Professor preconiza para esclarecer a sua origem.

Mas, afinal, em que consiste a «pedra moirinha»? — perguntarão muitos portimonenses que nela nunca, talvez, tenham ouvido falar e até muitos dos nossos leitores

4.ª PAGINA

Transcrição

O «Diário da Manhã» transcreveu numa das suas últimas secções de «Dizem os jornais», parte da última crónica do nosso estimado colaborador José Amaro, antecedendo a transcrição das seguintes palavras que muito nos apraz registrar e agradecer:

«Apreciando atitudes de certos blusões dourados, felizmente número limitadíssimo entre nós, José Amaro, no Correio do Sul, de Faro, tem palavras de desassombro patriótico, que gostaríamos de transcrever na íntegra, se o espaço o permitisse».

Notável acção de uma instituição vilarealense

A benemérita instituição que funciona em Vila Real de Santo António, sob o patrocínio das Conferências de São Vicente de Paulo e com a modesta designação de Património dos Pobres, procedeu há dias à entrega de mais um segundo grupo de cinco casas de habitação que fez construir e destinou a famílias pobres da Praia de Monte Gordo.

Ascendem dessa forma já a 16 as casas que tem feito edificar, contribuindo para a solução de um dos mais graves problemas sociais ou seja a falta de alojamento para as famílias mais necessitadas.

A cerimónia da entrega agora efectuada revestiu-se de certo brilhantismo. As casas receberam a bênção ritual que lhes foi lançada pelo Rev. Padre Jorge Vicente Passos, digníssimo Pároco de Vila Real de Santo António e numa pequena mas altamente significativa sessão solene fizeram uso da palavra os srs. Mário Antunes Lança, em nome do Património, e Dr. António Manuel Capa Horta Correia, ilustre Presidente do Município.

O acontecimento transcende em muito todas as palavras de elogio que lhe pudésemos dedicar.

4.ª PAGINA



O interior da Sé de Faro

FESTA de Nossa Senhora de Lurdes e do Apostolado Cristão

CELEBRA-SE nesta cidade, no próximo Domingo, a tradicional Festa de Nossa Senhora de Lourdes e do Apostolado Cristão, sempre de grande projecção na vida católica do Algarve.

Dá-lhe este ano especial brilhantismo a honrosa presença de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Manuel de Almeida Trindade, Venerando Bispo de Aveiro, que proferirá duas conferências, uma pelas 21 horas do dia 8, na Sé Catedral, sobre «O Magistério na Igreja», e outra, na Sessão Solene a efectuar pelas 15 horas do dia 9, no Ginásio do Liceu, subordinada ao título «Um exemplo de Fidelidade».

No dia 9, pelas 12 horas, o nosso Venerando Prelado celebrará a Santa Missa, na Sé Catedral, versando a homilia sobre a «Igreja Local».

O Senhor D. Júlio Tavares Rebinbas fez publicar na «Folha do Domingo» uma «Nota Pastoral»

exortando todos os católicos a que compareçam às diferentes selenidades a fim de que a Festa venha a constituir «um autêntico valor apostólico para a Igreja do Algarve».

Roberto Nobre

NO Hospital de Jesus, em Lisboa, foi, pelo sr. Dr. Pinto de Carvalho, submetido a uma intervenção cirúrgica, que decorreu com muita felicidade, o distinto artista, crítico cinematográfico e escritor, nosso estimado compatriota e velho amigo sr. Roberto Nobre. Encontrando-se bastante melhor, espera-se que possa regressar a casa ainda esta semana e o «Correio do Sul» faz, de todo o coração, sinceros votos pelo seu rápido e completo restabelecimento.

A ponte sobre o Guadiana mais uma vez em boas perspectivas

O sr. Eng.º Rui Sanches, ilustre Ministro das Obras Públicas, acompanhado pelos srs. Eng.º Armando da Palma Carlos, Director-Geral dos Serviços Hidráulicos; Brigadeiro Armando Girão, Presidente da Junta Autónoma de Estradas, e por outras entidades superiores do seu Ministério, realizou há dias uma proveitosa visita de trabalho e de estudo à vizinha Espanha onde foi recebido pelo Generalíssimo Franco, conferenciou com o seu colega espanhol, reuniu com várias comissões e teve ocasião de apreciar o muito que por lá se tem feito em matéria em que a nossa posição não é também susceptível de nos envergonhar.

A maioria dos assuntos versados foi, como é natural, de molde a interessar os dois países peninsulares e foi com satisfação que vimos não ter sido esquecido o grande problema que para o Algarve e para a Andaluzia representa a ambicionada construção da ponte sobre o Rio Guadiana.

A ela mesma se referiu o comunicado conjunto que foi tornado público em que muito louvavelmente se reconhece que «as realizações previstas de ambos os lados da fronteira comum, designadamente a projectada ponte sobre o Rio Guadiana, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, em vias de estudo, contribuirão eficazmente para o desenvolvimento do tráfego entre os dois países».

Fazemos votos sinceros de que o reconhecimento comum abra rápidas perspectivas no campo das realizações.

A uma coluna

Hora Inútil

● Por JOSÉ AMARO

NÃO temos a velocidade de julgar poder modelar o Mundo, bem pelo contrário, atento às realidades, encaramos com um sorriso de improbabilidade as considerações mais ou menos utópicas, à parte a possível boa fé de quem as fez, que por vezes nos aparecem sob letra de forma.

Formular aqui assim, ou noutra lugar qualquer, as já nosas conhecidas sentenças de «a guerra no mundo devia acabar», «desejamos paz para todos», «porque é que se não condenam os culpados das agressões aos direitos internacio-

Derradeira vontade



QUERO um caixão por dentro acolchoado. E arabescos por fora, originais, Com águas e serpentes, e metais Preciosos nas asas, lado a lado.

Quero também cuidados especiais Na maneira de ser amortalhado, Essências raras, vestes de brocado, Sumptuosas, bizarras, irreais...

Bordado a ouro, o meu brasão, no peito. Minha divisa: Um coração perfeito! — Olhai, de quanto me julguei capaz!

Coche dourado, caminhando lento, Ninguém, ninguém por acompanhamento, Só tu, sòzinha, a soluçar, atrás!...

20 - 1 - 69

Mário Lyster Franco

BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Hoje, 6, as sr.^{as} D. Maria da Conceição Vilhena de Mello Sampayo, D. Maria do Carmo Ferrete Afonso Peres Neto e D. Maria Amélia Ferreira Afonso Peres e os srs. Joaquim Lopes Padilha, Frederico de Assis Mil-Homens e Luis Maria de Melo Horta.

Em 7, as sr.^{as} D. Adelaide Silveira Borges, D. Alice de Oliveira Nobre Telo Mexia, D. Gracinda Filipe Viegas, D. Maria Valagão Guerreiro, D. Maria da Graça Pacheco Neto Mil-Homens, D. Francisca Maria Lúcia Pires Afonso e D. Maria Adelaide Ondas Pires Cruz Centeno, as meninas Maria da Glória Belchior Antunes de Moura e Maria Isabel Euzébio Pinto e o sr. José Joaquim Gonçalves Pontes.

Em 8, as sr.^{as} D. Fernanda de Sousa Santos de Bivar, D. Rosalia Abecassis Pereira de Resende do Nascimento e D. Maria Albertina Xavier e os srs. Tenente-Coronel Eng.^o Teodoro Alves Fernandes e Dr. António Neves Anacleto.

Em 9, as sr.^{as} D. Antónia Ribeiro Pacheco Nobre, D. Alda Martins de Matos e D. Luísa do Carmo Santos Peres, os srs. Antero de Lima Nobre e António Correia Horta e o menino Vasco Nuno Rafael Rodrigues Mil-Homens.

Em 10, as sr.^{as} D. Teresa de Oliveira Negrão, D. Maria Luísa Gonçalves Machado e D. Rita de Brito Pinhol, o sr. Vitorino do Carmo Pires e os meninos Vitor José Martins de Oliveira e António Fernando e Fernando António Lopes Leitão Correia.

Em 11, as sr.^{as} D. Maria José Sales de Carvalho Salgado Parreira do Amaral e D. Irene Leal Calapez do Carmo e o sr. Manuel Francisco Lopo Vaz do Carmo.

Em 12, as sr.^{as} D. Isabel Maria Peres Jara e D. Emília Leal Viegas e os srs. Joaquim António de Matos Alves e Manuel Esteves.

Em Lisboa, no Pavilhão da Família Militar do Hospital da Estrela, foi submetida a uma melindrosa operação cirúrgica, que decorreu com toda a felicidade, a sr.^a D. Maria Domingas Honrado Santos Gomes, esposa do nosso estimado assinante e prezado amigo, sr. Co-

nais?», etc., etc., não tira nem põe, não adianta nem atrasa. Tudo fica na mesma. É duro, mas é verdade. Se não absolutamente, numa dimensão tal que transmite ao escritor o sentimento da infrutuosidade das suas palavras.

Porém, que me desculpem o paradoro, mas sentimos uma dominante necessidade de condenar, com tão profundas palavras quanto a profundidade da inutilidade que sabemos elas comportam, o conflito nigerio-biafrense. É vil e é inumano. É pungente e é desmoralizador. É o em tão grande medida — que esqueçamos os homens. As crianças, porém, essas não. Ficam-nos no coração a fazer doer as entranhas.

Temos na frente duas angustiosas imagens dessa atroz guerra. A primeira, aviltada por uma figura cadavérica, os olhos semicerrados, os membros assombrosamente esqueléticos, caídos, incapazes de se sustentar a si próprios. É uma criança. E sabe-se que o é porque a pele negra não permite a decomposição da forma humana. Segura os ossos nos seus lugares. Outra, mostra-nos um «mercado numa aldeia ibá sob controle federal». E sabem o que é que se vende, entre outros géneros, nesse mercado?

Ratazanas. Comem-se ratazanas no Biafra. Mas para comê-las — é preciso comprá-las no mercado. Um mercado que vende sob controle federal.

É oportuno referir que quando os chefes dos dois Países, os seus representantes, enfim convencidos da necessidade inadiável das populações receberem alimentos do exterior para vencerem a fome, acederam, depois de fortemente instigados das formas mais diversas, a se entrevistarem num local previamente determinado para combinarem em que ponto do território por si mesmos dividido desceriam os aviões transportadores dos géneros — não chegaram nunca, pelas várias vezes que se reuniram, ao menor acordo. É simplesmente inacreditável, sem pontinha de exagero. Determinado número de Países e Entidades internacionais propõem-se acudir à fome da gente nigerio-biafrense. Satisfazem os problemas de compra e transporte das mercadorias e dispõem-se a conduzi-las a casa das vítimas. Mas acontece que meia dúzia de cavaleiros de barbiga cheia e comodamente resfolgados, em nome de razões que ninguém entende e sustentando ideologias de toda a espécie, políticas ou pessoais, legítimas ou não, resolvem, pura e simplesmente, deixar morrer de fome esses homens, mulheres e crianças com falta de comida porque o seu fanatismo, a sua loucura, a sua monstruosa inumanidade, as suas mentes obscuras, não deixam que a razão e o direito prevaleçam e conduzam a determinar-se sobre que ponto do território que comandam se descarreguem os alimentos destinados

ronel Joaquim dos Santos Gomes, ilustre Comandante Distrital da Legião Portuguesa. Fazemos sinceros votos pelo rápido e completo restabelecimento da enferma.

Com curta demora, esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa, o distinto poeta, nosso ilustre colaborador e prezado amigo, sr. Major Vitor Castella, que em Lisboa se encontra a prestar serviço no Ministério do Exército.

Tem estado em Faro, o nosso estimado compromissário e assinante em Amadora, sr. João Lema Escova.

Pelos corpos sociais da Associação de Socorros Mútuos «Protectora dos Artistas», de Faro, foi escolhido para Director Clínico da mesma instituição, o nosso estimado assinante, sr. Dr. Francisco Uva Sancho, que nela já desempenhava, com muitas simpatias, as funções de médico privativo e a quem muito sinceramente felicitamos pela merecida distinção.

Na Clínica Cirúrgica de Loulé, deu à luz uma criança do sexo feminino, que recebeu o nome de Maria de Guadalupe, a sr.^a D. Maria Aida Pinheiro Ramos e Barros Santana, esposa do sr. José Anastácio Santana e filha da sr.^a D. Aida Maria Vasques Pinheiro Ramos e Barros e do sr. Francisco José Ramos e Barros Júnior. As nossas felicitações.

BEBA ÁGUA das Caldas de Monchique

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

2.ª publicação

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de provimento por 20 dias, com início em 25 de Janeiro de 1969 para médicos de Clínica Médica do Posto Clínico n.º 34 (Faro), da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro, devendo a documentação ser entregue na Caixa indicada — Rua Infante D. Henrique, n.º 34-1.º — Faro ou na Federação Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º - Esq.º — Lisboa, até às 18 horas, do dia 13 de Fevereiro do mesmo ano.

As condições de admissão encontram-se patentes na Caixa, Federação e Posto referenciado.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1969

A DIRECÇÃO

a matar a fome à gente que vive sob a alçada dos seus governos!

É, não obstante isto, falam os jornais e rádios de todo o mundo numa coisa chamada ONU. Mas o que é isso? Para que serve? Trata-se porventura de algum parque desportivo onde se cultive o jogo do empurra? A cabra cega? Ou é apenas um berlimde para a gente se entreter nas horas vagas, um berlimde-diamante que custa milhões para a manutenção do seu estado, e que de quando em vez é ativado, como berlimde que é, por quem o maneja a seu belo prazer, do testa dos que, dentro da razão e do direito, não tem todavia a força subjectiva do atirador?

Não. Acabemos com a fantochada. Se não realmente, que isso não está ao nosso alcance, ao menos na coluna deste jornal. Não falemos da ONU. Nem de Fantoques. Basta. Falemos antes do Biafra. Do Biafra que dói. Do Biafra que suplica ao mundo, pela boca faminta do seu povo, já não dizemos Paz, mas, ao menos, comida. Do Biafra que merece o silêncio das nossas palavras e precisa do produto das nossas acções.

Embora conscientes do embaalde destas palavras, da hora inútil que elas nos pediram para escrevê-las, aqui ficam. Não com a pretensão de atenderem a Fome, a Dor, a vida sem Vida dispersas por aquele pedaço de África, mas como expressão de quem às vezes cai na fraqueza de vir para a rua com seus lamentos e implícitas considerações de utópica concretização.

José Amaro

Da nossa linguagem...

(Continuação da 1.ª página)

aula estava quase vazia. E eu perguntei porquê. — «Não lhes interessa aprender o português — respondeu-me o padre. — O inglês, sim, com esta língua podem arranjar facilmente um emprego».

Assim sucedia, com efeito. Hong Kong evidenciava-o bem. As numerosas famílias portuguesas há muito ali estabelecidas, só podiam subsistir, singrar e ganhar a vida, falando e escrevendo a língua inglesa. O português, algo estropeado, era um luxo para os mais velhos. Qualquer coisa erudita como o latim ou o hebraico.

Um belo dia fui até ao Japão. Fiz a viagem por terra: Xangai, Pequim, Mukden e Seoul — uma bela viagem — daquelas que se fazem uma vez na vida quando se é jovem e acontece haver uns patacos no bolso. Em Kobe dirigime ao consulado de Portugal. O consul era o senhor Sousa. Falei-lhe em português claro. O senhor Sousa não me entendia. «Excuse-me, I don't speak portuguese» — disse-me, algo enleado e confuso. O senhor Sousa só falava o inglês e o japonês. Nascera e vivera no Japão. — Há aqui em Kobe — acrescentou — umas cem famílias portuguesas; mas não sabem o português.

Eu era jovem. E acontecia que no meu tempo a juventude não tinha problemas. Caracterizava-se mesmo por não ter problemas. Mas isto chocou-me profundamente. Wenceslau de Moraes, que nos esquecera e a quem nós também fomos esquecendo, estava ali, sepultado na ilha de Tokushima. Os portugueses andavam dispersos pelo mundo, ignorados, entregues à sua sorte.

Quem conhecia, por exemplo, o senhor Pereira que encontrei em Pequim, de casa e pucarinho com uma russa — o senhor Pereira, alentejano dos quatro costados, nascido ali para os lados da Vidigueira ou da Cuba, e que deambulava há trinta anos pela velha cidade imperial? Alugava bicicletas, e explorava aqueles engenhos onde se mete uma moeda e donde não sai moeda nenhuma. E o nosso Pereira por lá andava, ignorado e feliz, nesse tempo em que ainda não havia o livro vermelho com os pensamentos de Mao.

Tudo isto me ocorre agora a propósito da nossa língua. Tivemos excelentes oportunidades. Não as sobremos aproveitar. Os ingleses foram mais hábeis. Verdade seja que a seu favor dispunham de duas grandes vantagens: uma prosperidade económica permitindo enorme expansão comercial e a facilidade de uma língua de gramática muito simples. Creio ser falsa a ideia de que têm maior dificuldade do que quaisquer outros povos, em aprender uma língua estranha. Sir Cecil Clemente, governador de Hong Kong naquele tempo, falava correctamente o cantonense e ainda nove dialectos chineses. E não era uma excepção.

No sistema britânico o cargo de governador não se improvisava; não era devido a favor, a simpatia ou a interesses políticos. Exigia aprendizagem, ingresso no quadro administrativo, obrigava a estágios e obediência a uma hierarquia; e uma das matérias de aprendizagem era justamente a língua dos países a que se destinavam.

Quanto a essa suposta dificuldade do inglês em falar uma língua alheia, o que me parece é não ter ele sentido a necessidade de o fazer, já que a sua sempre se mostrou tão divulgada. O desafio económico permitiu-lhes alto nível de vida e daí o orgulho do seu tradicional isolamento. Na sua vizinhança podia obter-se um emprego; foi assim que tantos tiveram de aprender o inglês. Quanto à nossa própria língua, ela veio a estropear-se e apagar-se com o decorrer do tempo. Ficaram palavras dispersas aqui e além, na Malasia, no Japão. Mas o resto esqueceu — como nas cem famílias de Kobe e nas outras mais numerosas de Hong Kong. É certo que na metrópole nunca ninguém se importou com isso e por outro lado, a vida não se ganha sem um emprego. Como algures escreveu o nosso Eça: não podíamos ficar eternamente à sombra de um coqueiro a amar Portugal.

Mas não é só a difusão da língua que interessa promover; interessa também manter a sua preservação. Ela está sofrendo um processo de decalque, pelo emprego repetido e enfadonho de determinadas palavras, locuções, e expressões estereotipadas — um processo análogo ao das colagens em certa bisantínica a que concedemos o nome de Pintura Moderna. Trata-se com efeito de uma verdadeira colagem verbal em que cada género de assuntos dispõe da sua convencional bagagem de palavras. Isto é devido ao progresso técnico dos meios audiovisuais: Rádio, Televisão, disco e fita magnética. Este progresso contribui para difundir e generalizar qualquer ensino — mas um ensino vago e superficial.

Fica uma lambusadela de cultura, porque não há tempo nem vagar para ler, numa sociedade superlotada, onde todos furam e se

atropelam para conquistar um lugar — na rua, no auto-carro, ou na vida. Não se lê hoje, salvo poucas excepções, os textos originais dos grandes pensadores e as obras clássicas. E qualquer sujeito, se lhe aprouver, pode dar-se ares de intelectual e falar de Kant sem ter lido Kant. Aparece muita dissertação filosófica, feita de malabarismo verbal, que permite, aos mais hábeis nesta técnica, articular um fraseado que tem a particularidade de parecer profundo sem exprimir coisa alguma. Estou a lembrar-me de certo preto que foi de por com testemunha. Não entendia nem falava o português e servimo-nos de outro preto, como intérprete. Interrogado, o homem falou, falou, e nunca mais se calava. Tivemos de o interromper. — Bem, vamos lá ver o que disse ele... — perguntamos ao intérprete.

— Ainda não disse nada, senhor. Por enquanto só está a falar».

Há, nesta técnica verbal, palavras que invariavelmente se repetem. Algo semelhante ao adjectivo obrigatório de certas expressões, como *ciclista infeliz, hábil advogado, conceituado comerciante*, o templo estava *repleto* de fiéis, e outros deste género. Cada assunto tem as suas palavras favoritas e inevitáveis. Na filosofia na crítica de arte, em tudo o que pretenda ser intelectual, sempre se fala de *vivências, temática, problemática, válido*; aparecem agora ainda os termos *antiromance, anti-pinturas, e anti-memórias*, — palavras de misterioso sentido que não está ao alcance do leitor comum. Também faz muito efeito dizer *um novo humanismo*. Não há crítica de arte sem se falar em *barroco*, nem divagação poética onde não apareça a *menagem*. Alguns acham bonito dizer *choder* em vez de moderno ou dizer que ficou demonstrado a *saciedade* o que muitos confundem com *sociedade*. Aparece escrito *vestido* em lugar de *vestido* e há dias um locutor disse e repetiu *dignatários* onde deveria dizer *dignitários*. *Lapsos*. Também podemos dizer que é *óbvio*.

Transitando para a palestra de interesse público, a lição económica ou o discurso político — habitualmente lidos — há que falar em *conjuntura, em implicações, em coordenadas históricas e nos princípios que informam* — e às vezes também *informam* — de modo a não se saber se é *in*, se é *em*. O discurso político caracteriza-se pela descontinuidade. Segue fluente até à altura em que aparece um «Muito bem»; daí por diante passa a ser interrompido pela repetição deste elogio e a tendência irresistível em dar palmas quando há uma pausa.

De qualquer modo é inevitável que surjam *cas infra-estruturas*. Nos comentários ao jogo de futebol falar-se-á de *tecnicismo, acutilante, inoponente, displicente, e, ao fim e ao cabo, Há achegas, colóquios, simpósios, seminários*. Mas o pior — o pior de tudo isto é o *altdás* — o *quer dizer* — e a praga da *na medida em que*. Chega a dar a impressão de nada se poder hoje dizer sem o *quer dizer*, o *até porque* e o *na medida em que*. São todas as palavras que existem na língua, é certo; mas tão repetidas e gastas que convinha mudar o disco.

É verdade! Já me esquecia: Também temos o *aquando*.

A. Santa Clara

Propriedade no ALGARVE

Situada em S. Brás de Alportel, com cerca de 1 hectare, casa com 14 divisões, 2 noras, muitas árvores de fruto. Troca-se por casa, andares ou residências em Faro ou noutra cidade do Algarve. Resposta ao jornal ao N.º 387.

Agência Peninsular de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58 — FARO — Telefone 22908 —

FILIAL Praça da República, 26 — LOULÉ Telefone 375

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central, aos preços oficiais. Obtenção de passaportes e vistos Consulares

Câmara Municipal

Serviços Municipalizados
Água, Electricidade e Saneamento

FARO ANÚNCIO

Concurso público para venda de sucata de ferro forjado, sucata de ferro fundido, sucata de latão, sucata de cobre, sucata de chumbo em barra, pneus usados, engenho mourisco completo usado e diversas carroças inutilizadas.

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro, faz público que até às 16 horas do dia 26 de Fevereiro de 1969, se recebem propostas para venda de sucatas, pneus usados, engenho mourisco completo usado, e diversas carroças a seguir discriminadas:

- Lote 1 — Sucata de ferro forjado — 5.000 Kgs. aproximadamente.
- Lote 2 — Sucata de ferro fundido — 1.500 Kgs. aproximadamente.
- Lote 3 — Sucata de latão — 450 Kgs. aproximadamente.
- Lote 4 — Sucata de cobre — 1.500 Kgs. aproximadamente.
- Lote 5 — Sucata de chumbo em barra — 300 Kgs. aproximadamente.
- Lote 6 — Pneus usados — cerca de 50.
- Lote 7 — Engenho mourisco completo, incluindo 55 grelhas e 18 alcatruzes, usado.
- Lote 8 — Carroças de tracção animal — 2 carros para rega, 2 carros de carga e 3 carroças de ferro, inutilizadas.

As condições estão patentes na secretaria dos Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

As propostas serão abertas no dia acima indicado, na hora da reunião do Conselho de Administração.

Faro, 27 de Janeiro de 1969

O Presidente do Conselho de Administração,

João Henrique Vieira Branco

ANDAR

Vende-se, em Faro, 2.º andar, prédio moderno de gaveto. Avenida Olivença / Avenida 5 de Outubro, 5 assoalhadas, 2 casas de banho e roupeiros. Mostra e trata, telefones: Faro 22717 e Lisboa 763967.

Timóteo da Costa

MÉDICO CONSULTAS DIARIAS das 15 às 17,30 horas Rua do Pé da Cruz, 18 Telefones: Residência 24773 Consultório 24421 F A R O

SILVES Pensão Central

TRESPASSA-SE e facilita-se o pagamento.

«CORREIO DO SUL» N.º 2642 — 6-II-1969

COMARCA DE LAGOS ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia VINTE do próximo mês de FEVEREIRO, pelas DEZ horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução Sumária que Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto, Comércio e Indústria, com sede em Messines, comarca de Silves move contra ACROPOLIS - Empresa de Construções e Máquinas, Limitada, com sede em Lagos não-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes:

MÓVEIS

Primeiro

Um dumper marca Barford, com a máquina número dois mil quatrocentos e trinta e quatro, tipo cem-Dumper, com o motor PETER tipo PH-um, número dezassete mil quatrocentos e dezasseis, de mil seiscentos e cinquenta rotações por minuto, tendo uma chapa na caixa de velocidades com os dizeres — Série número dois mil cento e sessenta e um, tipo quatro -ON- trezentos e dezassete, pintado de verde, em regular estado de conservação e bom funcionamento.

Segundo

Um camion marca Thames - Thrader, matrícula GD - setenta e sete - sessenta e cinco, em regular estado de conservação e funcionamento.

Lagos, 18 de Janeiro de 1969

O Juiz de Direito,

Francisco Rosa da Costa Raposo

O Escrivão de Direito,

José Carlos Palma Lucas



SILVES — freguesia de Algoz

Propriedades rústicas

LEILÃO JUDICIAL

DIA 14, ÀS 15 HORAS

Por determinação do Meretíssimo Corregedor da 5.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 1.ª Secção, contra D. Maria Inocência Cabrita Matias, serão postas em praça, como habitualmente, para melhor localização, na propriedade denominada «PROPRIEDADE DA HORTA», (já vendida), 3/4 partes, dos seguintes prédios:

1.º — Prédio rústico, no Sítio da Lagoa do Poço da Figueira, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, com figueiras e alfarrobeiras, confrontando do norte com João da Ponte, do sul com Francisco Nobre, do nascente com Antónia Aleixo e do poente com Elídio Guerreiro. Tem a área de 4.200 m². Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 519 do qual constitui metade e descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves sob o n.º 30.807;

2.º — Prédio rústico, no Sítio da Lagoa do Poço da Figueira, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear com alfarrobeiras, figueiras e oliveiras, confrontando do norte com António Clemente, nascente e sul com caminho e do poente com Joaquim Pedro Júnior. Tem a área de 10.000 m². Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 546 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.808;

3.º — Prédio rústico, no Sítio da Lagoa do Poço da Figueira, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear com oliveiras e uma alfarroqueira, com a área de 1.600 m²., confrontando do norte com caminho, do nascente com ribeiro, do sul e poente com Francisco Antão. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 588 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.809. Este imóvel constitui metade do artigo matriz atrás mencionado;

4.º — Prédio rústico, no Sítio dos Cortezões, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear com figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras e uma oliveira, com a área de 40.920 m²., confrontando do norte com caminho, do sul com barranco e Francisco Gonçalves, do nascente com José Cabrita André e do poente com Francisco Antão, David da Ponte e outros. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 712 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.810;

5.º — Prédio rústico, no Sítio dos Cortezões, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, de sequeiro, com a área de 490 m²., confrontando do norte com linha férrea, do sul, nascente e poente com Ana Maria Fernanda Faisca. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 775 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.814;

6.º — Prédio rústico, no Sítio dos Cortezões, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, de sequeiro, com oliveiras, com a área de 1.760 m²., confrontando do norte com caminho, do sul com Maria da Conceição, do nascente com Rodrigo Coelho Belezinho e do poente com caminho. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 779 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.815;

7.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, com alfarrobeiras, figueiras e oliveiras, atravessado por um caminho e pela linha férrea, com a área de 10.170 m²., confrontando do norte com José Guerreiro Gomes, do sul com José Mendes, do nascente com José Martins Teodósio e outros e do poente com José Martins Teodósio e António da Silva Carneirinho. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 2.316 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.816;

8.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semeadura e uma alfarroqueira, confrontando do norte e nascente com caminho, do sul com Domingos S. Sousa Uva e do poente, com herdeiros de Manuel Vieira e outros. Tem a área de 29.930 m². Está inscrito na matriz respectiva sob art.º 2.405 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.817;

9.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de pastagem, alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, com a área de 31.190 m²., confrontando do norte com Ernesto de Sousa Afonso e outro, do sul com Maria da Conceição Cabrita e outro, do nascente com José Cabrita do Vale e do poente com Maria Amélia Rocha, herdeiros. Está inscrito na matriz sob o art.º 2.421 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.819;

10.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, com pastagem, alfarrobeiras e oliveiras, com a área de 2.410 m²., confrontando do norte e poente com Inocência Lourenço Cabrita, do sul com João das Neves e do nascente com José Cabrita do Vale. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 2.424 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.820;

11.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, com a área de 6.250 m²., confrontando do norte com António da Silva Júnior, do sul com José de Sousa do nascente com Maria da Piedade Neutel, do poente com Carlos Afonso. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.432 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.821;

12.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear com uma alfarroqueira, figueiras, com a área de 13.240 m²., confrontando do norte com Silvana Mendonça Barris, do sul com António Vieira e outros, do nascente com caminho e do poente com Victor Martins. É atravessado por um caminho. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 2.435 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.822;

13.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, com uma oliveira e figueiras, com a área de 6.210 m²., confrontando do norte com Rita da Piedade, herdeiros, do sul com Joaquim das Dores do nascente e poente com caminho. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.438 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.823;

14.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear com alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e figueiras, com a área de 17.600 m²., confrontando do norte com David da Ponte e herdeiros de Maria Amélia Rocha, do sul com José Gonçalves Marreiros e caminho do nascente com ribeiro e caminho e do poente com linha férrea e ribeiro. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 2.444 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.824;

15.º — Prédio rústico, no Sítio da Chaminé, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, com a área de 20.180 m²., confrontando do norte com António Gomes, do sul com Teresa Correia, do nascente com António Magalhães e do poente com António de Magalhães e outro. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.553 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.826;

16.º — Prédio rústico, no Sítio da Chaminé, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de pastagem, alfarrobeiras, amendoeiras e oliveiras, com a área de 49.330 m²., confrontando do norte com António Magalhães, do sul com António Miguel e Claude da Silva, do nascente com António Gago e outros e do poente com Joaquim Lourenço e Manuel Francisco. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.556 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.827;

17.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, oliveiras, amendoeiras e uma alfarroqueira, com a área de 1.100 m²., confrontando do norte com José Ca-

G. LEMONNIER

das Belas Artes de Paris

Decorador

124 Rua Dr. Manuel Arriaga

ARMAÇÃO DE PERA

TODO O GÉNERO DE

- Instalação e Decoração
- Desenho e criação de Móveis
- Ferro Forjado
- Painéis decorativos, etc.

Francisco Martins, Caiado & C.ª, Lda.

Certifico que, por escritura de 13 de Dezembro de 1968, lavrada nas notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, no livro n.º 80-A, de fl. 50 v.º a fl. 52, e com referência à amortização da quota dos herdeiros de Aníbal Martins Caiado na sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Faro, foi esclarecido que, extinta a referida quota, foi integrado o seu valor nas quotas dos sócios Virgílio Martins Caiado, Horácio Martins Soares Caiado e engenheiro Eduardo Martins Soares Caiado, em partes iguais, pelo que essa integração implicou uma alteração à redacção do artigo 4.º do respectivo pacto social.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial, que vai conforme o original.

20.º Cartório Notarial de Lisboa, 20 de Dezembro de 1968.

A Ajudante,

Maria do Céu Martins Lucena
Gomes

Escritório DE RÉS-DO-CHÃO

Precisa-se, em Faro. Indicar local e renda ao n.º 269 deste jornal.

Mattos Parreira

ADVOGADO

R. da Misericórdia, 145-2.º, Dt.º

///

Telefone 33670

L I S B O A

ANDAR

Aluga-se, em Faro, 5 assoalhadas, 2 casas de banho e roupeiros. 4.º andar esquerdo, prédio moderno, gaveto Avenida Olivença / Avenida 5 de Outubro.

Mostra e trata, telefones: Faro 22717 — Lisboa 763967.

Empregada

Precisa-se para firma de materiais de construção, em Faro. Resposta manuscrita ao n.º 268 deste jornal.

SALVADOR L. ILARI

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DAS CRIANÇAS

Ex-interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa

CONSULTAS DIARIAS A PARTIR DAS 15 HORAS
DE PREFERÊNCIA COM HORA MARCADA

Cons. — Edifício SOL - 1.º Dt.º — «a Pontinha» — Telef. 2 33 96
Resid. — Telef. 7 31 69 - 7 24 55 F A R O

brita Júnior, do sul com José Cabrita de Sousa e outros, do nascente com caminho e do poente com ribeiro. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 3.160 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.830;

18.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, oliveiras, amendoeiras e uma alfarroqueira com a área de 1.480 m²., confrontando do norte com José Cabrita André, do sul com Joaquim Cabrita Júnior e outros, do nascente com Francisco Vieira Cabrita e do poente com caminho. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 3.351 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.831;

19.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, com a área de 18.000 m²., confrontando do norte com José Diogo Vieira, do sul com caminho e José Cristina, do nascente com Silvana Mendonça Barris e do poente com herdeiros de José Vieira. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 3.380 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.834;

20.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, oliveiras, alfarrobeiras e amendoeiras com a área de 65.000 m²., confrontando do norte com José Guerreiro Gomes, do sul com Francisco Correia e outros, do nascente com herdeiros de Manuel Rodrigues Grade e do poente com Silvana Mendonça Barris e outros. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 3.382 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.833;

21.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras com a área de 30.000 m²., confrontando do norte com José Guerreiro Gomes, do sul com José Gonçalves Marreiros do nascente com António da Silva Carneirinho e do poente com Silvana Mendonça Barris. Está inscrito na respectiva matriz predial sob o art.º 3.384 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.836.

22.º — Prédio rústico, no Sítio dos Amendoais, freguesia de Algoz, que se compõe de terra de semear, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e amendoeiras, com a área de 58.414 m²., confrontando do norte com Joaquim Cabrita Júnior e outros, do sul com Joaquim António Correia, do nascente com caminho e do poente com Ernestino de Sousa Afonso. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 3.499 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.837;

23.º — Prédio rústico, no Sítio da Darvoeira, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, que se compõe de terra de semear com a área de 6.720 m²., confrontando do norte com caminho, do sul com Serafim Xavier, do nascente com António da Encarnação e outro e do poente com Arnaldo Gonçalves Vieira. Está inscrito na respectiva matriz sob o art.º 4.878 e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 30.839.

NOTA: — Para quaisquer esclarecimentos é favor dirigir-se ao nosso escritório ou directamente ao Ex.º Senhor Regedor de Algoz, que gentilmente atenderá os Ex.ºs Interessados.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — LISBOA — Tels.: 45934-46259

CASA VIEIRA

RUA SERPA PINTO, 32 — F A R O

O C A S I A O Ú N I C A

Por motivo de obras nesta secção
liquida-se toda a sua existência

PELO PREÇO DO CUSTO

Mobiliás, estofos, colchões MOLAFLEX
e LUSOSPUMA, placas sôltas e muitos
móveis avulso

TELEFONE 2 25 05

«CORREIO DO SUL»
N.º 2642 — 6-II-1969

Repartição de Finanças
do Concelho de Faro
Execução Fiscal n.º 55/66
e apenso 89/67

Arrematação

1.ª publicação

No dia 24 de Fevereiro de 1969, pelas 14 horas, na Rua João Dias, n.º 9, será posto em praça, afim de ser arrematado em hasta pública pelo maior lance oferecido, os bens abaixo indicados penhorados nos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra a firma Mário Gonzaga Ribeiro, Ld.ª residente em Faro na Rua Tenente Valadim, n.º 4, por dívidas de Imposto Complementar, referente aos anos de mil novecentos sessenta e quatro e sessenta e cinco.

1.º — Um calibrador de rodas eléctrico marca BEISS-BARTH, n.º W16K2240, motor n.º 54363, em estado novo.
2.º — Um compressor a ar marca RABOR, motor n.º 45806, Tipo P6-2, 1425 rotações por minuto, 5 fases, e tanque n.º 169 - Ano 1960, pressão máxima 12 kg., em regular estado de conservação.
3.º — Uma Auto Bomba com respectivo chassis e motor eléctrico marca DIETZ, n.º 56281, Tipo D31K/4, em regular estado de conservação.

Base de licitação, 28 000\$00

Pelo presente, são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado, bem como os sucessores dos credores preferentes, para deduzirem os seus direitos.

Faro, 27 de Janeiro de 1969

O Escrivão,

Francisco do Carmo Júnior

Verifiquei:

O Chefe da Repartição de Finanças,

Daniel Rogério Ferreira

ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



Lino Ferreira

CIRURGIÃO ORTOPEDISTA

Assistente dos Hospitais Cívicos
de Lisboa

Consultas de doenças dos ossos
e articulações

Marcam-se consultas

para de manhã e de tarde
na Casa de Saúde de Faro

Telefone 22021
F A R O

«CORREIO DO SUL»
N.º 2642 — 6-II-1969

Repartição de Finanças
do Concelho de Faro
Execução Fiscal n.º 31/66

Arrematação

1.ª publicação

No dia 27 de Fevereiro de 1969, pelas 14 horas, na casa sita na Rua Tenente Valadim, n.º 4, freguesia da Sé desta cidade, será posto em praça, afim de ser arrematado em hasta pública pelo maior lance oferecido, o direito ao trespasse e arrendamento do rés do chão do prédio abaixo indicado, penhorado nos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra Mário Gonzaga Ribeiro, Ld.ª com sede na Rua Tenente Valadim, n.º 4, por dívidas de Contribuição Industrial Grupo B de 1964.

O direito ao trespasse e arrendamento do rés do chão do prédio urbano com os números de polícia 4 e 6, situado na Rua Tenente Valadim, freguesia da Sé, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 2.595, com o rendimento colectável de 10 200\$00, em que a firma Mário Gonzaga Ribeiro, Ld.ª é inquilina, exerce a actividade de «Agente ou Comissário de Fabricantes e Negociantes Nacionais de (Automóveis), motocicletas, pertences e análogos, a qual paga a renda mensal de 1000\$00, e é senhorio Marcos Henlhas (herdeiros de)

Base de licitação, 500.000\$00

Pelo presente, são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado, bem como os sucessores dos credores preferentes para deduzirem os seus direitos.

Faro, 28 de Janeiro de 1969

O Escrivão,

Francisco do Carmo Júnior

Verifiquei:

O Chefe da Repartição de Finanças,

Daniel Rogério Ferreira

Mário Guerra Roque

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças das Crianças

Consultas diárias às 15 horas
Rua Filipe Alistão, 21

Telef. 22680 — F A R O

CARAMELO
LICOR DE CACAU E OVOS

ELISIO BALDINHO

ADVOGADO

Rua Baptista Lopes, 19 Telef. 24357

F A R O

SINTAXE OPORTUNA

(Continuação da 1.ª página) etc... Tudo isto faz com que a vontade pura de colaboração em dar uma solução rigorosa ao problema, não seja mais do que um mito por causa daquela fragilidade.

NO ENTANTO, nós continuamos a acreditar que a vontade de colaborar na solução dos problemas que se põem à governação, serve para alguma coisa. E isto, porque a escolha das soluções que visem o bem-comum interessa a todos os que sintam responsabilidade, política portanto.

MAS HÁ alguns que, por este Algarve, com uma responsabilidade instituída, e não meramente sentida, temem a cultura necessária dos outros, porque sabem que daí adviria a exigência de respeitar e admitir a colaboração acima de questões pessoais da parte de quem deseja instituições políticas sadias, que existam mais para o desenvolvimento do que para a rebelião contra o desenvolvimento. O Sr. Prof. Marcello Caetano apontou como linha urgente a necessidade da formação e da informação das populações para que o nosso país possa crescer economicamente e promover-se socialmente. Isto é de tal modo certo no Algarve que de outro modo não podemos ter esperanças no desenvolvimento económico nem na promoção cultural. Não é apenas certo: é evidente.

COMO é que temem? Fazendo a política de guardar na algibeira o seu voto pela cultura. O que os leva, por vezes até por mera coerência, impensadamente, a não apoiar iniciativas sérias de desenvolvimento. Talvez queiram deixar o mundo mais pobre do que o encontraram: com mais problemas e com menos cultura necessária para os resolver. Mas o leitor talvez se recorde daquelas palavras de Francisco de Rimini, na Divina Comédia, ao iniciar o rolo das suas predileções desditosas, no Inferno: «não há maior dor do que a gente recordar-se do tempo feliz na miséria».

E PORQUE estou de acordo com as palavras do Sr. Presidente do Conselho, mesmo sem me preocupar se estamos em tempo feliz ou não, também não poderia deixar estar de acordo com os presidentes das câmaras municipais algarvias que não se têm poupado ao esforço de promover a cultura necessária dos seus municípios. Votando pela cultura e apoiando-a. E dos problemas à cultura necessária é que vai a justificação da sua utilidade. Carlos Albino

Festas de Carnaval no HOTEL EVA

COMO já é tradição no magnífico Hotel, que o EVA é, prometem sensacionalismo as festas de Carnaval do presente ano, que se irão realizar no seu imponente salão, nas noites de 15, 16, 17 e 18 do corrente. Não poupando esforços e encargos, no conhecido propósito de proporcionar aos seus habituais clientes uma hora bem passada, contratou a respectiva direcção atrações de categoria verdadeiramente notável e internacional. Tere-mos entre nós e pela primeira vez, o conjunto moderno «LOS MEJORES», um sexteto que é finalista do concurso da TV espanhola, para as melhores orquestras ligeiras. Bons músicos, bons cantores e possuidores de uma fabulosa aparelhagem electrónica. Paralelamente, será apre-

CORREIO DO SUL AO SERVIÇO da formação Profissional

ACTUANDO cada vez mais com maior profundidade em cada região para o que, além das sedes das Divisões Regionais, vai abrindo centros permanentes e não permanentes e contactando com as entidades patronais de todos os sectores, o Serviço Nacional de Emprego, está em condições de dar um contributo muito válido ao problema do conhecimento das necessidades em mão-de-obra

Impõe-se, no entanto, que a actividade económica se habitue, pouco a pouco, a pôr àquele Serviço as suas carências, muitas vezes sem que seja possível ele satisfazer as mesmas, mas na certeza de que o simples conhecimento de tais carências será sempre útil à própria actividade económica, a menor ou maior prazo, por se desencadear as acções de formação profissional que se justificam.

Na cerimónia inaugural de um Centro de Formação Profissional Acelerada, o director do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, chamou a atenção para este assunto.

A simples afirmação indiscriminada de que falta mão-de-obra nesta região ou naquele sector, se pode constituir um alerta pouco mais adianta e, quantas vezes, só-

mente ajudará a formar-se uma ideia falsa da situação real do mercado da mão-de-obra.

Nas palavras que proferiu na mesma ocasião, o Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Dr. Gonçalves de Proença, lembrou que se a inauguração do Centro n.º 1 de Xabregas representou na rota da formação profissional acelerada em Portugal, o dobrar do cabo da Boa Esperança, a inauguração do Centro n.º 2 no Porto, e a inauguração em breve do Centro n.º 3, no Seixal (além de todos os demais empreendimentos já em curso), constitui como que a chegada ao destino, circundando todo o vasto continente inexplorado da formação profissional extra-escolar portuguesa à qual abre novos caminhos por onde não poderá deixar de circular a nova riqueza, que os trabalhadores por esse método formado vierem a criar em benefício da economia nacional.

E tão exactos foram os cálculos, que logo essa riqueza começou a ser contabilizada em termos de incontestável evidência, constituindo um crédito a favor do novo método, cujas parcelas fundamentais são os acréscimos do produto acrescentado pelo seu novo trabalho (produtividade) e a alta reprodutividade do capital investido com a formação profissional acelerada.

DESPORTOS

Placard Regional Apontamento de VITOR CASTELLA

Futebol da III Divisão Nacional JUVENTUDE «arrogante» batida por trunfos insuperáveis!...

Farense, 3 — Juventude, 0 JOGO na sala de São Luís — Mestre de cerimónias — João Nogueira (Setúbal). FARENSE — Calotas, J. António, Torpes Manhita, Nunes, Marcello e Lampreia, Pedro, Ludovico, Testas e Nelson. JUVENTUDE — Casinhas, Tadeia, Caraca, Diamantino, Rui, Gil, Arlindo, Pires, José Pedro, Ornelas e Coelho. Depois de alguns dias de esplendoroso sol, a manhã acordou cin-

zentamente triste, como que com avisos de agorenta ave. Uma chuva impertinente e copiosa foi alagando tudo e passando as fronteiras dos impermeáveis e das modernas gabardinas, não logrando, contudo, obstar a que muitas centenas dos apaixonados da bola — menina «lé-íé» —, acorressem, pressurosos ao sempre simpático campo de São Luís onde ainda fizemos jogos oficiais.

A contenda começou com a «ordem de batalha» inteiramente cumprida pelos pupilos de Vieirinha — ofensiva em todos os sectores. A defensiva visitante, bem organizada e moralizada, foi-se batendo com a maior energia, até que, cerca dos 12 m., um balão de José António caiu a pique, e como um raio traçoiro, sobre a baliza, atingindo-a em cheio. Estava feito o primeiro gol para os farenenses, já aguardado e muito festejado.

O jogo prosseguiu, com «sangue, suor e lágrimas», como soi dizer-se, impregnado de água e de expectativa, não voltando, até aos 45 m., a funcionar o marcador. No reatamento, o Farense, não desmentindo o que disseramos na Cova da Piedade — grande forma atlética e personalidade — ganhou altura táctica e técnica e, dispondo, agora, de um me-o campo em melhores condições de terreno para operar, fez naturalmente, 2 e 3-0, por Pedro e Ludovico, depois de uma pressão da qual poderiam ter resultado, pelo menos, mais dois golos.

Nas condições em que a partida teve de efectuar-se, não nos lembra de há muito, ver uma equipa evoluir com tanta energia, determinação e um querer tão generoso. Todos estão de parabéns, excepto um ou outro elemento do público (local) que, não respeitando o traje que veste e a sua posição na sociedade, ainda não tem o senso e educação necessários para ter o direito de entrar num recinto de futebol, sem que transmita a quem nos visita o bom nome que o povo e a cidade de Faro tanto merecem. Esperamos que, de futuro, não apenas possamos dar «lições» de futebol, mas, sobretudo de um pouco mais de civismo, não intercalando no natural entusiasmo do momento, frases e atitudes só próprias da mais baixa ralé. O prestígio que o Clube e a Cidade ganharam no País, não pode de forma alguma, permitir a existência de tais energúmenos.

Em virtude do mau tempo, não se realizaram os jogos, desta jornada Lusitano-Faro e Benfica e Olanense-Sarilhense, ficando, assim, por enquanto, a classificação um pouco «ensarilhada»...

2.ª DIVISÃO Em Évora: Lusitano, 3 — Portimonense, 2 No próximo domingo, para a TAÇA DE PORTUGAL, Olanense-Tramagal e Académica de Coimbra-Farense.

O IV Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Farmacêutico realizado em FARO FOCOU PROBLEMAS de grande interesse sanitário

(Continuação da 1.ª página)

Leal que começou por salientar a satisfação que tinha com a realização do IV Colóquio em Faro, a cujo Chefe do Distrito apresentava expressivas saudações, agradecendo sensibilizado a honra da sua presença. Cumprimentou depois o Delegado de Saúde Distrital, o representante do Grémio Nacional das Farmácias e todas as entidades presentes, pondo em relevo a importância da colaboração dos farmacêuticos em matéria de salubridade pública, acentuando o êxito de que se haviam revestido os colóquios realizados noutros pontos do País e em que, estava certo, aquele não seria inferior.

Passou-se depois à efectivação das anunciadas preleções, tendo sido a primeira levada a efeito pelo sr. Dr. António Silva Santos, Adjunto do Director do Laboratório de Polícia Científica, que versou o tema «Intoxicações pelos Pesticidas — Profilaxia e Terapêutica de Urgência». O orador fez uma exposição circunstanciada acerca dos problemas criados com a utilização dos modernos pesticidas e da sua maior ou menor incidência na saúde pública, fazendo notar que, a par da sua incontrolável utilidade, existe um perigo latente de intoxicação, sobretudo ao nível da população rural. Apontou as medidas profilácticas mais importantes para diferentes casos e descreveu a terapêutica de urgência a utilizar em face de intoxicações.

A segunda palestra esteve a cargo do sr. Dr. Manuel Godinho de Matos Júnior, Director dos Serviços Técnicos do Exercício de Farmácia e Comprovação de Medicamentos, da Direcção-Geral de Saúde o qual, através de uma exposição clara e bem documentada, enriquecida com a projecção de alguns diapositivos, dissertou sobre «Águas de Alimentação e Resíduos — Problemas Sanitários». O sr. Dr. Matos Júnior, com profundo conhecimento de causa, referiu-se às principais técnicas utilizadas, nos países mais evoluídos, no tratamento e depuração das águas de alimentação. Citando alguns casos referentes ao Algarve, apresentou oportunas e interessantes sugestões sobre diversas estações de tratamento mais aconselháveis para o tipo comum das nossas povoações, tendo em conta a debilidade económica de muitos municípios e o número cada vez mais crescente dos utentes. Enal-

Cinema de Santo António

HOJE, Testemunha de Acusação, com Tyrone Power, Marlene Dietrich e Charles Langton e Um tiro às escuras, colorido, com Peter Sellers e Elke Sommer. 17 anos.

Sexta-feira, Noiva por um dia, colorido, com Rocio Dürcal e Vicente Parra e O Chicote Diabólico, com António Aguilár e Rosita Arenas. 12 anos.

Sábado, Uma noite na Ópera, com os irmãos Marx e Os gladiadores Espartanos, com Tony Russell. 12 anos.

Domingo, Gringo não Perdoa, colorido, com Montgomery Wood e Sophie Daumier. 12 anos.

Terça-feira, Todos contra um, colorido, com Henry Fonda e Joanne Woodward e Um Presidente de saias, com Fred Mac Murray e Polly Bergen. 17 anos.

Quarta-feira, O Profeta, colorido, com Vittorio Gassman e Ann Margret. 17 anos.

Quinta-feira, Matar para não Morrer, com Robert Mark e Elina de Witt e 50 Winchester, com Topsy Collins e Mila Stania, ambos coloridos. 12 anos.

Colónias de Férias DA F. N. A. T.

DE 1 a 28 de Fevereiro do corrente ano, está aberta a inscrição, na sede da F. N. A. T. — Calçada de Santana, 180 e nas suas Delegações do Continente e Ilhas Adjacentes, para os beneficiários e respectivos familiares, que pretendam frequentar as Colónias de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica; «Marechal Carmona» na Foz do Arelho; «Dr. Pedro Theotónio Pereira» em Albufeira e «A. Corrêa d'Oliveira» nas termas de S. Pedro do Sul, durante a época balnear de 1969.

A FAMOSA «pedra moirinha» dos arredores de Portimão

(Continuação da 1.ª página)

a quem a primeira notícia que dela demos, desprovida de gravura, tenha passado despercebida. Pois nada menos — e reportamo-nos na parte científica, como é natural, a notícia daquele Professor — do que um enorme penedo existente nos arredores de Portimão, de constituição geológica idêntica ao folioto da Serra de Monchique e agora facilmente visitável pela nova estrada que, para servir a Pra'a da Rocha, foi recentemente aberta a Norte da cidade.

Dado que, por virtude daquela constituição, não há elementos que permitam relacioná-lo com os afloramentos geológicos da região, o mesmo é que dizer reportar a sua origem ao próprio sítio em que se encontra, há que admitir a hipótese de que tenha sido transportado da referida Serra de Monchique, que lhe fica a umas duas dezenas de quilómetros.

Mas... porquê, por quem, como e para quê?

São perguntas a que se torna quase impossível responder. O facto de não se encontrarem na área depósitos de carácter torrencial, nem se conhecerem na região vestígios de acções glaciares, afastam a probabilidade do transporte ter sido feito por forças naturais. «Não se trata de um bloco residual, nem de um bloco errático», afirma o referido Professor. Fica desta forma apenas a possibilidade de ter andado na deslocação a mão do homem, o que não terá constituído tarefa muito fácil, bem antes pelo contrário, dadas as dimensões que a simples vista se apreciam e o peso que em face delas e da constituição se presume. Ora como ninguém se entregaria a um trabalho de tal magnitude sem qualquer intuito, o natural é estar-se na presença de um monumento de carácter pré-histórico, o que nos pode levar a conjecturas difíceis de desenvolver numa simples notícia de jornal.

Seja como for. A «pedra moirinha», que de moura só tem o nome que lhe dá o vulgo e algumas lendas que a rodeiam, constitui uma curiosidade de assinalado interesse.

Para já, parecia-nos recomendável obter a sua classificação como imóvel de interesse público e que a Câmara ou a Comissão Municipal de Turismo de Portimão, melhorando as condições das escassas centenas de metros que a separam de excelente estrada, a incluisse no roteiro das curiosidades locais.

E o resto... por acréscimo talvez que venha um dia!

«CORREIO DO SUL» N.º 2642 — 6-II-1969

Tribunal Judicial da Comarca de Lagos ANÚNCIO 2.ª publicação

FAZ-SE SABER que pela secção de processos da Secretaria Judicial desta comarca e nos autos de Acção Especial de Consignação em Depósito que os autores Joaquim Matoso Carreta e mulher Marcelina Marques Matoso Carreta, ele funcionário judicial e ela doméstica, residentes em Évora, e António Vicente do Carmo Pacheco e mulher Maria da Conceição Matoso Carreta Pacheco, residentes na Rua Capitação Renato Baptista, n.º 21-r/c., da cidade de Lisboa, movem contra incertos, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os herdeiros incertos de JULIA PAULA CORREIA CARACOL ou JULIA DE PAULA MARREIROS, viúva, residente que foi na cidade e comarca de Lisboa, e de ANTÓNIO DE JESUS MARREIROS, residente que foi na mesma cidade, para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos éditos, contestarem, querendo o pedido formulado pelos autores nos mencionados autos e que consiste em julgar-se válido e subsistente o depósito que efectuaram nos autos ordenando-se o cancelamento do ónus enfiteutico que onera o prédio «Urbano sito na Rua Conselheiro Joaquim Machado, freguesia de São Sebastião nesta cidade de Lagos, que confronta do norte com Manuel Galé, do sul com casas do Montepio Artístico, do nascente com a rua e poente com Lopo da Encarnação, inscrito na matriz sob o art. 141», em relação ao qual os autores são donos e possuidores do respectivo domínio útil.

Lagos, 8 de Janeiro de 1969 O Juiz de Direito, (a) Francisco Rosa da Costa Raposo O escrivão de direito, (a) José Carlos Palma Lucas

FRIEIRAS... QUE FLAGELO!!! Só as tem quem as de-jeja ter! Usando «QUEIMAX» desaparecem-lhe em pouco tempo mesmo as ulceradas. À VENDA nas FARMÁCIAS

António José e João Manuel Baptista Pereira Missa do 30.º dia

Seus pais comunica que será rezada missa na Igreja da Sé pelas 9 horas do próximo dia 12 do corrente, sufragando as almas dos seus queridos filhos, agradecendo a todas as pessoas que queiram acompanhá-los nesse piedoso acto.

Cruz Simões SOLICITADOR Rua Vice-Almirante Cândido dos Reis, 15 LOULÉ

Bebá O MELHOR SEM RIVAL SOFRUTOS

ACABA DE SAIR A 9.ª EDIÇÃO DO ATLAS DO MUNDO ECONÓMICO E POLÍTICO Por J. R. SILVA Totalmente actualizado NOVOS ESTADOS, POPULAÇÕES E REGIMES, ESTATÍSTICAS MUNDIAIS, ETC., ETC., AGORA COM 144 BANDEIRAS! A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS, PAPELARIAS E TABACARIAS DO PAÍS, ILHAS E ULTRAMAR PEDIDOS À EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LDA. Largo Trindade Coelho, 9-2.º — LISBOA - 2 Preço 22\$50